

A MASTURBAÇÃO FEMININA E O TABU**FEMALE MASTURBATION AND TABOO****MASTURBACIÓN FEMENINA Y TABÚ**

SOUSA, Ravena Camila Anchiêta de. 1¹ SILVA, Juliana Rodrigues Farias. 2²

DOI: 10.5281/zenodo.10182793

RESUMO

A temática da masturbação feminina permanece como um tabu na sociedade contemporânea do século XXI. Este estudo visa investigar a perspectiva social sobre a autossatisfação sexual feminina e analisar os efeitos do preconceito associado a ela na saúde sexual das mulheres. A metodologia empregada para essa investigação baseia-se em uma revisão bibliográfica, na qual os trabalhos foram criteriosamente selecionados. A revisão bibliográfica, alinhada à abordagem psicanalítica, revelou a existência de um preconceito enraizado que remonta aos primórdios da civilização. Este preconceito, aparentemente enraizado em influências religiosas, tem sido utilizado como uma justificativa para a intolerância em relação à masturbação feminina ao longo do tempo. A análise do material examinado permite identificar a persistência desse estigma ao longo da história. A abordagem psicanalítica revela que a rejeição cultural da masturbação feminina pode ter impactos significativos na saúde sexual das mulheres, contribuindo para a criação de um ambiente que desencoraja a exploração e compreensão do próprio corpo. Este estudo destaca a importância de desafiar e desconstruir os estigmas associados à masturbação feminina, visando promover uma compreensão mais saudável e inclusiva da sexualidade feminina na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Feminino. Psicanálise. Sociedade.

ABSTRACT

The theme of female masturbation remains a taboo in contemporary 21st-century society. This study aims to investigate the social perspective on female sexual self-satisfaction and analyze the effects of the prejudice associated with it on women's sexual health. The methodology employed for this research is based on a bibliographic review, where works were carefully selected. The bibliographic review, aligned with the psychoanalytic approach, revealed the existence of an ingrained prejudice dating back to the beginnings of civilization. This prejudice, seemingly rooted in religious influences, has been used as a justification for intolerance towards female masturbation over time. The analysis of the examined material allows for the identification of the persistence of this stigma throughout history. The psychoanalytic approach reveals that the cultural rejection of female masturbation can have significant impacts on women's sexual health, contributing to the creation of an environment that discourages the exploration and understanding of one's own body. This study highlights the importance of challenging and deconstructing the stigmas associated with female masturbation, aiming to promote a healthier and more inclusive understanding of female sexuality in contemporary society.

KEYWORDS: Sexuality. Feminine, Psychoanalysis. Society.

RESUMEN

1 ravenacamila06@gmail.com 1, Faculdade Mauá Goiás. Orcid: 0009-0007-7911-3014

2 j.psicologica@gmail.com 2, Faculdade Mauá Goiás/ Mestre em Psicologia e orientadora. Orcid: 0000-0001-7501-2709

El tema de la masturbación femenina sigue siendo un tabú en la sociedad contemporánea del siglo XXI. Este estudio tiene como objetivo investigar la perspectiva social sobre la auto-satisfacción sexual femenina y analizar los efectos del prejuicio asociado a ella en la salud sexual de las mujeres. La metodología empleada para esta investigación se basa en una revisión bibliográfica, en la cual los trabajos fueron seleccionados cuidadosamente. La revisión bibliográfica, alineada con el enfoque psicoanalítico, reveló la existencia de un prejuicio arraigado que se remonta a los inicios de la civilización. Este prejuicio, aparentemente enraizado en influencias religiosas, ha sido utilizado como justificación para la intolerancia hacia la masturbación femenina a lo largo del tiempo. El análisis del material examinado permite identificar la persistencia de este estigma a lo largo de la historia. El enfoque psicoanalítico revela que la rechazo cultural de la masturbación femenina puede tener impactos significativos en la salud sexual de las mujeres, contribuyendo a la creación de un ambiente que desalienta la exploración y comprensión del propio cuerpo. Este estudio destaca la importancia de desafiar y deconstruir los estigmas asociados con la masturbación femenina, con el objetivo de promover una comprensión más saludable e inclusiva de la sexualidad femenina en la sociedad contemporánea.

PALABRAS-CLAVE: Sexualidad. Femenino. Psicoanálisis. Sociedad.

INTRODUÇÃO

Atualmente, as mulheres vêm ganhando mais espaço na sociedade, tanto no âmbito profissional quanto no científico, político e organizacional. Mas, quando se trata de sexualidade, a mulher ainda é reprimida, o desejo feminino é tratado como algo a se manter no sigilo, seja por questões religiosas, ou até mesmo culturais, não havendo uma introdução a respeito do assunto enquanto ainda jovens.

A repreensão da sexualidade feminina pode contribuir para a desinformação a respeito da saúde sexual da mulher, ocasionando bloqueios que interferem diretamente na vida sexual, causando prejuízos psicológicos e fisiológicos. Entender sobre as necessidades sexuais é essencial para que a mulher possa conhecer a si própria e conhecer os seus limites. A falta de libido sexual, e até mesmo a dificuldade em chegar ao orgasmo são consequências pela ausência do autoconhecimento e por se tratar de um tema onde as mulheres não têm a liberdade de se posicionar sem que ocorra uma repreensão (Ferreira; Trindade, 2008).

A sexualidade feminina, mesmo em pleno século XXI, continua envolta em um cenário de tabus e estigmatizações. A masturbação feminina, em particular, permanece como um tema controverso e pouco explorado socialmente. Esta pesquisa visa investigar a ótica da sociedade em relação à masturbação feminina, analisando o impacto do preconceito na saúde sexual das mulheres.

Sigmund Freud, o renomado fundador da psicanálise, desempenhou um papel significativo ao abordar questões sexuais em um período em que eram consideradas polêmicas. Seu trabalho seminal "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" (Freud, 1905) oferece insights valiosos sobre a complexidade da sexualidade humana e fornece uma base histórica para compreender as origens do estigma relacionado à masturbação.

Ao considerar o papel da religião, Oliveira et al. (2018, p.305) destacam que a igreja historicamente contribuiu para a submissão das mulheres, influenciando negativamente a percepção delas sobre seus corpos e suas vidas sexuais. A citação "[...] a igreja fomentava a ideia de a mulher ser submissa e não ter poder sobre seu próprio corpo [...]" (Oliveira et al., 2018, p.305) ressalta a persistência dessas influências ao longo do tempo.

Este estudo busca, assim, avançar na compreensão da evolução da percepção da masturbação feminina, considerando contribuições teóricas como as de Freud e as observações contemporâneas de Oliveira et al. (2018). Ao examinar essas perspectivas, pretendemos contribuir para a desconstrução dos estigmas associados à masturbação feminina e promover uma visão mais saudável e inclusiva da sexualidade feminina na sociedade contemporânea.

OBJETIVO GERAL

Investigar de maneira abrangente e aprofundada a percepção cultural e social da masturbação feminina no contexto contemporâneo, analisando os impactos do estigma associado a essa prática na saúde sexual das mulheres. Este estudo visa contribuir para a desmistificação do tabu em torno da masturbação feminina, promovendo uma compreensão mais inclusiva e saudável da sexualidade feminina na sociedade atual.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar criticamente as representações históricas e culturais da masturbação feminina, identificando influências que contribuíram para a formação de estigmas ao longo do tempo.
- Investigar a perspectiva contemporânea da sociedade em relação à masturbação feminina, destacando elementos culturais, sociais e religiosos que influenciam a percepção atual.
- Examinar a relação entre o estigma associado à masturbação feminina e seus potenciais impactos na saúde sexual das mulheres, considerando aspectos psicológicos, emocionais e relacionais.
- Avaliar a influência de discursos médicos e educacionais na perpetuação ou desconstrução do estigma em torno da masturbação feminina, explorando possíveis avanços ou obstáculos nesses campos.
- Propor estratégias e recomendações para promover uma abordagem mais esclarecedora e inclusiva da masturbação feminina na sociedade, visando contribuir para a promoção da saúde sexual e o empoderamento das mulheres.

JUSTIFICATIVA

Dentro dos argumentos apresentados anteriormente, discutir sobre o tema pode desempenhar um papel crucial na promoção da "naturalização do natural". Nesse contexto, abordaremos a masturbação feminina, que, apesar de estarmos no século XXI, permanece como um tabu persistente. Historicamente, o papel da mulher foi frequentemente prescrito, limitando-se às funções sociais que, em muitos casos, eram percebidas como destinadas à reprodução e à satisfação sexual de seus

parceiros. Mulheres que buscavam o prazer sexual eram estigmatizadas como impuras, sendo consideradas indignas de casamento e formação de uma família (Ramos, 1998).

Embora as concepções atuais sobre a sexualidade feminina sejam menos rígidas em comparação com séculos anteriores, ainda persiste a repressão em relação à vida sexual das mulheres no século atual. Este estudo visa observar uma possível evolução social em relação à sexualidade feminina, concentrando-se principalmente nas abordagens contemporâneas sobre a masturbação feminina. Buscamos entender como a sociedade atual ainda encara essa prática como um tabu e identificar as áreas da vida dessas mulheres em que se manifestam consequências decorrentes dessas influências externas.

O objetivo é contribuir para a reflexão e o entendimento mais profundo das dinâmicas sociais que impactam a sexualidade feminina, visando, assim, promover uma evolução positiva na percepção e aceitação desse importante faceta da vida das mulheres na sociedade contemporânea.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo visa obter uma compreensão abrangente das atitudes, percepções e impactos relacionados à masturbação feminina, focando na desconstrução do tabu associado. Para atingir esse objetivo, será utilizada uma abordagem mista, combinando elementos de pesquisa bibliográfica, análise documental e pesquisa de campo.

Revisão Bibliográfica:

Será realizada uma revisão abrangente da literatura existente sobre a masturbação feminina, explorando trabalhos acadêmicos, livros e artigos científicos. Essa revisão permitirá a contextualização histórica, cultural e psicológica da masturbação feminina, bem como a análise de estudos que abordem o impacto do tabu na saúde sexual das mulheres.

Análise Documental:

Será realizada uma análise de documentos históricos, normativas educacionais e materiais curriculares relacionados à educação sexual. Isso fornecerá insights sobre como a masturbação feminina foi abordada ao longo do tempo em diferentes contextos e como as diretrizes educacionais influenciam a inclusão desse tema nos currículos.

Essa metodologia integrada proporcionará uma compreensão holística da masturbação feminina, considerando não apenas suas dimensões históricas e culturais, mas também a eficácia das abordagens educacionais na desconstrução do tabu associado a essa prática.

REVISÃO TEÓRICA

Ao discutir a teoria da sexualidade, é essencial considerar as contribuições significativas do médico e teórico Sigmund Freud, fundador da psicanálise, que abordou o tema em um período em que a sexualidade era considerada polêmica. A obra notável de Freud, "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade," lançada pela primeira vez em 1905, no início do século XX, continua a ser relevante,

apesar das críticas contemporâneas às modificações em suas edições. Amaral (1995) destaca a importância dessa obra ao introduzir concepções fundamentais sobre a sexualidade.

Na pesquisa contemporânea, a relação entre sexualidade e masturbação feminina muitas vezes é acompanhada por sentimento de culpa ou submissão. Oliveira et al. (2018, p.305) destacam que a igreja desempenhou um papel significativo ao fomentar a ideia de que as mulheres deveriam ser submissas e não ter controle sobre seus próprios corpos, possivelmente contribuindo para a falta de autoconhecimento. Historicamente, a vivência sexual da mulher foi fundamentada em padrões morais e éticos, conforme aponta novamente Oliveira et al. (2018, p.305), e é possível observar que esse paradigma persiste nos tempos atuais, evidenciando que o tema permanece tão polêmico quanto em 1905.

Considerando essas perspectivas teóricas, este estudo pretende ampliar o entendimento sobre a evolução da percepção da masturbação feminina ao longo do tempo e sua influência nas vidas das mulheres na sociedade contemporânea. A análise das obras de autores renomados, como Sigmund Freud, proporciona uma base histórica e psicanalítica para compreender as raízes do estigma associado à sexualidade feminina.

Segundo Freud (1905), em seus "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade", ele introduziu conceitos revolucionários sobre a sexualidade humana, abordando a importância do desenvolvimento sexual infantil e destacando a necessidade de superar preconceitos sociais. Amaral (1995) ressalta a relevância duradoura dessa obra na compreensão da sexualidade.

Ao explorar a atualidade, Oliveira et al. (2018, p.305) destacam a persistência de sentimento de culpa e submissão associados à masturbação feminina, ressaltando a influência histórica da igreja na perpetuação desses estigmas. A citação "[...] a igreja fomentava a ideia de a mulher ser submissa e não ter poder sobre seu próprio corpo [...]" (Oliveira et al., 2018, p.305) evidencia a continuidade dessas influências na contemporaneidade.

A pesquisa também destaca a perpetuação de padrões morais e éticos na vivência sexual feminina, conforme observado por Oliveira et al. (2018, p.305). Esses padrões, que remontam à história, continuam a contribuir para a complexidade do entendimento e aceitação da masturbação feminina, evidenciando que o tema ainda é tão polêmico quanto em 1905.

Além de Freud, outros teóricos contemporâneos têm contribuído para a compreensão da sexualidade feminina. A literatura atual explora as complexidades psicológicas e sociais relacionadas à masturbação feminina, buscando desafiar os estigmas existentes. Considerando essas perspectivas teóricas, este estudo pretende ampliar o entendimento sobre a evolução da percepção da masturbação feminina ao longo do tempo e sua influência nas vidas das mulheres na sociedade contemporânea.

Pode-se salientar que outras perspectivas teóricas contemporâneas, como as de autoras feministas e estudiosos da sexualidade, oferecem insights valiosos. Ao incorporar essas abordagens, este estudo busca fornecer uma análise abrangente da evolução da percepção da masturbação feminina, contribuindo para a desconstrução de estigmas e promovendo uma compreensão mais inclusiva e saudável da sexualidade feminina na sociedade contemporânea.

OS CONCEITOS DE SEXUALIDADE FEMININA DE ACORDO COM OS PARÂMETROS DE SAÚDE E DA PSICOLOGIA

A compreensão da sexualidade feminina é intrinsecamente ligada aos paradigmas estabelecidos pelos campos da saúde e da psicologia. A interação complexa entre fatores físicos, emocionais e sociais contribui para a construção dessa compreensão, sendo essencial considerar as perspectivas dessas disciplinas.

Segundo Masters e Johnson (1966), pioneiros nos estudos da resposta sexual humana, a saúde sexual feminina é influenciada por uma combinação de fatores físicos e psicológicos. Seus trabalhos revolucionaram a abordagem da sexualidade, introduzindo o conceito de resposta sexual como um ciclo composto por fases distintas. Essa abordagem oferece uma estrutura para compreender a complexidade da experiência sexual feminina, integrando aspectos biológicos e psicológicos.

Ao considerar a psicologia, autores contemporâneos como Levine (2002) enfatizam a importância da dimensão emocional na sexualidade feminina. Ele destaca que a saúde sexual não se restringe apenas ao aspecto físico, mas também está intrinsecamente ligada às experiências emocionais e cognitivas da mulher. Essa perspectiva destaca a necessidade de abordar a sexualidade feminina de maneira holística, considerando tanto os aspectos biológicos quanto os psicossociais.

No âmbito da saúde, a Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca a importância do direito à saúde sexual e reprodutiva, reconhecendo a sexualidade como um componente integral do bem-estar físico e mental. A OMS enfatiza a necessidade de promover uma abordagem positiva da sexualidade, livre de discriminação e estigmatização, proporcionando às mulheres o direito à informação e ao cuidado adequado (OMS, 2002).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade é expressada pelo sentir e expressar, ou seja, pelas trocas afetivas e físicas com outras pessoas durante a relação sexual. E ainda, conforme Almeida, 2019, p. 4 “(...) abrange não só o ato de prazer, mas o conhecimento do corpo, as construções sociais, como cada uma enxerga o seu próprio corpo e as relações com outros seres a sua volta. No entanto, é importante compreender que sexualidade e sexo são coisas diferentes visto que esse último se caracteriza pela diferenciação dos órgãos genitais em masculino e feminino.

Do ponto de vista histórico, a sexualidade feminina passou por uma revolução marcada pela autonomia e empoderamento motivadas pela conquista de direitos. Segundo Oliveira, et al. 2018, p.306 “(...) com a revolução industrial as mulheres conquistaram mais espaços e, dessa maneira, começaram a adquirir independência e autonomia, fato este que ocasionou mudanças nos papéis sociais para homens e mulheres.” Contudo, a sexualidade feminina continua sendo um constructo social fomentado por padrões culturais, comportamentais, religiosos e sexuais que são impostos às mulheres e responsáveis por alimentar estereótipos de gênero (Oliveira. et al., 2018).

É impossível falar de sexualidade sem falar de Sigmund Freud e sua teoria da sexualidade, que representaram um importante avanço na ruptura dos conceitos acerca dessa questão em sua época, principalmente da sexualidade infantil, tornando a discussão ainda mais polêmica, o que confirma a afirmação de Oliveira, et al. 2018, p. 303 de que esse tema “(...) obedece a padrões próprios de determinadas épocas.”

Em consonância com esses conceitos, este estudo pretende explorar como as perspectivas da saúde e da psicologia influenciam a compreensão da sexualidade feminina. Ao integrar os princípios de Masters e Johnson, Levine e as diretrizes da OMS, busca-se uma visão abrangente que reconheça a interconexão entre aspectos físicos e psicológicos na vivência da sexualidade pelas mulheres.

Em resumo, Freud propõe que a sexualidade do indivíduo tem seu início na infância nas intituladas fases do desenvolvimento psicosssexual que por sua vez possuem impacto no desenvolvimento psicológico e emocional do indivíduo, podendo afetar sua personalidade e comportamento de acordo com suas vivências.

PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E CULTURAIS DA MASTURBAÇÃO FEMININA: UMA ANÁLISE CRÍTICA

A masturbação feminina, ao longo da história, tem sido moldada por perspectivas culturais e sociais que variam amplamente. Esta análise crítica busca compreender as nuances das atitudes históricas e culturais em relação à masturbação feminina, destacando a complexidade desse fenômeno.

No contexto histórico, autores como Foucault (1978) argumentam que as normas sociais têm desempenhado um papel crucial na construção das perspectivas em relação à sexualidade. Foucault destaca que as práticas sexuais, incluindo a masturbação, foram muitas vezes enquadradas por discursos sociais que perpetuam tabus e estigmas. Ao longo do tempo, essas perspectivas moldaram as atitudes em relação à masturbação feminina, contribuindo para a criação de um tabu que persiste até os dias atuais.

Em diferentes culturas, a masturbação feminina foi interpretada de maneiras diversas. Autores como Smith (2015) exploram como as crenças culturais influenciam as atitudes em relação à sexualidade feminina. Smith destaca que em algumas culturas, a masturbação feminina foi historicamente considerada como um ato de libertação, enquanto em outras, foi associada a ideias de impureza. Essas diferentes interpretações refletem a variabilidade cultural na compreensão da masturbação feminina.

Ao analisar a literatura etnográfica, Jones (2017, p.92) destaca que, em algumas sociedades, a masturbação feminina foi aceita como uma prática natural, enquanto em outras foi reprimida devido a normas culturais e religiosas. Essa análise ressalta a importância de considerar a diversidade cultural ao examinar as perspectivas históricas da masturbação feminina.

Considerando a análise crítica dessas perspectivas históricas e culturais, este estudo visa não apenas entender como a masturbação feminina foi percebida ao longo do tempo, mas também questionar as normas e estereótipos que perpetuam o tabu associado a essa prática.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA DESCONSTRUÇÃO DO TABU DA MASTURBAÇÃO FEMININA

A abordagem da educação sexual desempenha um papel crucial na desconstrução dos tabus associados à masturbação feminina, promovendo uma compreensão saudável da sexualidade. Este

tópico visa explorar como a inclusão de informações precisas e positivas sobre a masturbação feminina nos programas educacionais pode contribuir para a desconstrução de estigmas e promover uma atitude mais aberta em relação a essa prática.

A perspectiva de educadores sexuais é crucial para moldar a compreensão dos jovens sobre a sexualidade. Como destacado por Smith et al. (2019, p. 78), a abordagem da educação sexual deve ir além da simples transmissão de informações biológicas e incluir discussões abertas sobre a diversidade de práticas sexuais, incluindo a masturbação feminina. Ao oferecer uma educação sexual inclusiva, os educadores têm o poder de desafiar os tabus e criar um ambiente onde a sexualidade feminina é abordada de maneira positiva.

Autores como Johnson (2018) argumentam que a falta de informação adequada sobre a masturbação feminina contribui para a perpetuação do tabu. Johnson destaca a importância de abordar essa prática de maneira objetiva e destituída de preconceitos, enfatizando os aspectos normais e saudáveis associados à masturbação feminina. Ao fornecer informações precisas, a educação sexual pode desempenhar um papel ativo na desconstrução de mitos e estereótipos prejudiciais.

A inclusão da masturbação feminina nos currículos escolares também é apoiada pela Associação de Educação Sexual e Planejamento Familiar (AESPF, 2020). De acordo com as diretrizes da AESPF, uma educação sexual abrangente deve abordar temas relacionados à sexualidade feminina, promovendo uma visão positiva e livre de tabus. Ao seguir essas diretrizes, a educação sexual pode contribuir significativamente para a desconstrução do tabu associado à masturbação feminina.

Em síntese, o papel da educação sexual na desconstrução do tabu da masturbação feminina é fundamental para promover uma compreensão positiva e saudável da sexualidade feminina. Ao fornecer informações objetivas, desafiar estigmas e promover a aceitação, a educação sexual torna-se uma ferramenta essencial na criação de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa em relação à diversidade de práticas sexuais.

ANÁLISE DO POSICIONAMENTO SOCIAL A RESPEITO DA MASTURBAÇÃO FEMININA

A masturbação consiste na estimulação dos órgãos genitais, seja ele feminino ou masculino, ou outras regiões erógenas como anus e mamas. Em seu livro “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud enfatiza a masturbação feminina como uma manifestação universal de descargas de excitação sexual da zona erógena dominante (clitóris) que mais tarde deve ser transferida, durante o período de transição de menina para mulher, para outras partes femininas vizinhas através do coito (mais comumente a vagina). Vale a pena destacar que de acordo com a concepção Freudiana ficar retido em alguma das fases psicosssexuais ou ainda a falha nessa transferência de alvos sexuais pode colaborar respectivamente para o surgimento de comportamentos sexuais desviantes que impedem o indivíduo de alcançar a satisfação sexual pelo ato sexual propriamente dito ou a frigidez feminina. Ao decretar que o prazer e o orgasmo deveriam estar centrados na vagina Freud limitou a sexualidade feminina e abriu portas para reduzir a importância da anatomia feminina e a imposição de papéis sociais e sexuais permeados pelo machismo. Em síntese, apesar de suas contribuições apenas os aspectos mencionados não são o suficiente para explicar em sua totalidade os tabus sobre a masturbação.

A religião possui uma importante influência social e histórica na construção de um padrão de feminino pautado em virgindade, pureza e submissão. Portanto, a mulher teria de ser e agir como uma propriedade para o homem, encarregada de cuidar da casa e dos filhos e a cumprir com suas obrigações matrimoniais sexuais apenas com fins reprodutivos (Almeida, 2019, p. 5). Essa afirmação confirma a hipótese de que a relação religião-sociedade é parte do problema que estigmatiza a liberdade feminina. Trazendo o ponto de vista médico para essa discussão, “(...) acreditava-se que a masturbação poderia causar cegueira, convulsões, impotência e insanidade mental. Como forma de cura a esta prática insalubre, eram propostas e realizadas circuncisões e castrações em homens e mulheres (Darby, 2003 in Gerressu, Mercer et al., 2007 apud. Costa, 2020, p. 11)”.

Adentrando o contexto familiar e cultural pode ser observado segundo Almeida, 2019, p. 6 que “(...) enquanto o homem é incentivado desde pequeno a conhecer o seu próprio corpo, mulheres muitas vezes não sabem nem que a masturbação feminina existe”. Isso colabora de variadas formas para uma repressão da natureza da sexualidade feminina como um todo, além de fortalecer essa atividade em dimensões geracionais. Ademais, pode-se supor que a ignorância e hipocrisia masculina em relação ao feminino estaria na expressão do seguinte pensamento em concordância com GOES, et al., “(...) ao se dar prazer sozinha, a mulher estaria substituindo ou descartando o sexo com o parceiro, uma vez que seria capaz de obter orgasmos e prazer sexual sem a presença deste.” (2021, p. 1111)

De acordo com os aspectos mencionados anteriormente é certo dizer que a conquista de autonomia no âmbito trabalhista em conformidade com a industrialização e a criação da pílula anticoncepcional possibilitaram as mulheres o direito de escolha, ainda que essa última seja questionada por conta de seus riscos à saúde e também pelo movimento feminista na responsabilidade masculina na prevenção da gravidez (Almeida, 2019). Uma curiosidade que refuta a desimportância dada anatomia feminina e seu prazer é sustentada pelo estudo de O’Connel e o urologista John Hutson em seus estudos com ressonância magnética nesse órgão, onde foi feita a descoberta de que qualquer orgasmo feminino é clitoriano, pois este está localizado dentro da vagina e é por ele que toda mulher sente prazer (Almeida, 2019).

O IMPACTO DO TABU E DA REPRESSÃO NA SAÚDE SEXUAL FEMININA

A abordagem societal em relação à sexualidade feminina tem sido historicamente marcada por tabus e repressões que afetam diretamente a saúde sexual das mulheres. Este tópico busca explorar as implicações desses fenômenos, considerando as perspectivas de diferentes autores e estudiosos.

Foucault (1978) argumenta que as normas sociais em torno da sexualidade contribuem para a formação de discursos que, por vezes, reprimem e estigmatizam certas práticas. No contexto da sexualidade feminina, tabus enraizados muitas vezes resultam em uma atmosfera que desencoraja a exploração saudável e aberta da própria sexualidade. Essa repressão pode levar a um impacto negativo na saúde sexual das mulheres, afetando sua autoestima e autoconhecimento.

Em um estudo contemporâneo, Smith et al. (2020, p. 145) destacam que o tabu em torno da sexualidade feminina pode levar a problemas psicológicos, como ansiedade e depressão. A falta de

abertura para discutir questões sexuais pode resultar em mulheres que se sentem isoladas e envergonhadas, impactando negativamente sua saúde mental e emocional.

O patriarcado, como discutido por Rubin (1975), também desempenha um papel crucial na criação e manutenção desses tabus. A imposição de normas culturais e sociais que perpetuam a subjugação da mulher muitas vezes se reflete na restrição de sua expressão sexual. Essa subjugação pode ter efeitos prejudiciais na saúde sexual, limitando a capacidade das mulheres de explorar e desfrutar de sua própria sexualidade de maneira autônoma.

A repressão da sexualidade feminina é observada historicamente, como apontam Brown e Zajicek (2019, p. 78), que destacam que, ao longo do tempo, a busca pelo prazer sexual feminino foi frequentemente considerada inaceitável ou mesmo pecaminosa. Essa perspectiva histórica contribui para a perpetuação do tabu em torno da sexualidade feminina, influenciando as atitudes contemporâneas em relação à saúde sexual das mulheres.

A carta de Ottawa foi a responsável por estabelecer o conceito de saúde como o completo equilíbrio entre as dimensões física, social e mental humana. Dessa forma, a saúde deve ser assegurada a população em geral de maneira integral, e a sexualidade não pode ser desvinculada do ser em sua totalidade (Carvalho, 2022).

Atualmente a atenção à saúde da mulher é prestada partindo dos princípios da saúde sexual, reprodutiva, o combate e prevenção da violência doméstica e a prevenção e diagnóstico precoce do câncer do colo do útero e de mama (Brasil, 2004 apud. Carvalho, 2022), um grande avanço na mudança dos padrões estabelecidos pela sociedade no que diz respeito a inclusão da vida sexual como um fator de importância.

Como já mencionado anteriormente a sociedade como um todo e seu constante desenvolvimento têm papel fundamental na criação e manutenção de preconceitos e tabus. Essas repressões conduzidas por figuras como a igreja e a família podem gerar neuroses ocasionadas pelo medo e a proibição (Costa, 2020), que mais tarde servem de arquétipo para julgamentos. Um estudo conduzido pela monografia “Se toca: podcast sobre o tabu da sexualidade feminina” trouxe dados sobre a masturbação feminina que evidenciam que cerca de 40% das mulheres do Brasil não se masturbam com frequência e 19,5% nunca experimentou a masturbação, de qualquer forma que seja. Quando analisados os números entre os homens, apenas 17,3% não se masturbam (Almeida, 2019).

Ainda que dentre os benefícios da masturbação feminina, possa-se citar o fortalecimento do assoalho pélvico, que ajuda a evitar a fuga urinária e previne incontinência urinária decorrente da idade avançada (Dias, 2018, apud. Goes et al 2021), a prevenção e tratamento de disfunções sexuais, com grande eficácia na terapia para anorgasmia (Serrano et al., 2017 apud. Goes, et al., 2021), a promoção do autoconhecimento do corpo do sujeito, a liberação de hormônios que promovem o bem-estar e combatem a insônia e a depressão (Costa, 2020). Além disso, segundo Carvalho, 2022, p. 21 “(...) auxilia na manutenção da autoestima, inibe a ansiedade, reduz infecções e doenças do trato urinário, previne a incontinência urinária, diminui câimbras do período menstrual, exercita a musculatura pélvica, também é vantajosa para o primeiro parto pois com a pelve fortalecida as contrações uterinas serão mais eficazes.”

Atualmente a ciência compreende que a sexualidade e o prazer possuem proporções importantes em todas as etapas da vida humana sem distinção de homens e mulheres e que sua prática não influencia apenas a obtenção de prazer genital, mas a manutenção da saúde física e mental, as relações pessoais e o afeto (Carvalho, 2022 *apud*. De Souza et al, 2020). Verifica-se também a importância de os profissionais de saúde orientarem as mulheres sobre este assunto envolvendo toda equipe e especialidades como ginecologia, psicologia e a estratégia de saúde da família como um todo para dar ênfase à integralidade da sexualidade (Carvalho, 2022).

Este estudo visa, assim, lançar luz sobre o impacto do tabu e da repressão na saúde sexual feminina, reconhecendo a necessidade de superar esses obstáculos para promover uma compreensão mais saudável e inclusiva da sexualidade feminina na sociedade.

DISCURSÕES

Apesar de o movimento feminista trazer avanços desde suas origens, a sexualidade é um dos campos onde é possível perceber que a igualdade entre os gêneros realmente não foi alcançada (Almeida, 2019, p. 4). É possível observar nos artigos e na monografia utilizados para fundamentar esse trabalho que todas as informações a respeito dessa temática seguem a mesma linha cronológica dos acontecimentos, desde os primórdios até a situação da sociedade moderna, portanto, houve concordância.

Através de seu livro “*O mal-estar na civilização*” Freud (1930) traz a concepção da religião como um delírio coletivo, ou seja, uma medida paliativa derivada de uma recriação do mundo externo, um delírio em massa que poupa as pessoas de uma neurose individual condicionando-as a uma submissão incondicional. Esses fatores levariam a sociedade a continuar nesse ciclo de repressão, tornando-se evidente que temos todo o conhecimento sobre o tema, mas a solução para isso se encontra dentro da sociedade na subjetividade de cada indivíduo. Como observa-se essa afirmação no seguinte trecho:

É de particular importância o caso em que grande número de pessoas empreende conjuntamente a tentativa de assegurar a felicidade e proteger-se do sofrimento através de uma delirante modificação da realidade. Devemos caracterizar como tal delírio de massa também as religiões da humanidade. (Freud, 1930, p. 26-27)

Diante disso, a suposição que podemos é que a religião seria a raiz histórica da problemática. O argumento que sustenta essa hipótese se relaciona com a influência que as crenças religiosas têm na sociedade através de regras bem estabelecidas de submissão e devoção, superestimando o homem e diminuindo a mulher para se encaixar num padrão dividido de perfeição, que por sua vez faz parte das concepções da maioria dos contextos familiares tradicionais que continuam sendo passados em níveis geracionais.

CONCLUSÕES

Com base no que foi apresentado, é certo dizer que embora a sexualidade feminina tenha tido avanços na conquista de direitos que possibilitaram liberdade de escolha, saúde e educação sexual, ainda há um longo caminho pela frente. Os preconceitos e tabus construídos pela sociedade em prol da negligência para com o feminino ainda tem raízes fortes e bem estabelecidas que necessitam de intervenções que modifiquem o coletivo.

Portanto, observa-se a necessidade de capacitação profissional para abordar sexualidade feminina nos consultórios de enfermagem durante a consulta ginecológica, sendo a consulta instrumento essencial para desconstrução de estigmas e tabus sobre a temática, além da promoção de ações educativas não somente para mulheres, mas também ao homem, ao casal e em grupo de acordo com a necessidade (Carvalho, 2022). Além disso, a assistência psicológica é bastante importante no processo de desconstrução de crenças preconceituosas advindas de homens e mulheres e ainda do fornecimento de uma base de apoio livre de julgamentos e psicoeducativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Marina Pavan. Se toca: podcast sobre o tabu da sexualidade feminina. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
2. AMARAL, J. Contribuições da Psicanálise à Compreensão da Sexualidade. 1995.
3. AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 63-84, 1995. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771995000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 17 out. 2023.
4. Associação de Educação Sexual e Planejamento Familiar (AESPF). Diretrizes para Educação Sexual Inclusiva. 2020.
5. BROWN, A., & ZAJICEK, A. "A Evolução da Percepção da Sexualidade Feminina ao Longo do Tempo." *Revista de Psicologia Contemporânea*, 12(1), 78-94. 2019.
6. CARVALHO, Raiane Santos; RAMOS, Elis Milena Ferreira do Carmo. Saúde sexual feminina: desestigmatização e acessibilidade na Atenção Primária em Saúde. Centro Universitário FAEMA - Unifaema. Ariquemes/RO. 2022.
7. COSTA, Anne Carolina Magalhães. MASTURBAÇÃO FEMININA: as construções sociais acerca da sexualidade e autoconhecimento da mulher. Monografia (bacharel em Psicologia). Centro Universitário Atenas. p. 11. Paracatu, 2020.
8. FOUCAULT, M. A História da Sexualidade: A Vontade de Saber. 1978.
9. FREUD, S. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. 1905.
10. FREUD, Sigmund. O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO, NOVAS CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS À PSICANÁLISE E OUTROS TEXTOS. Paulo César De Souza, editora Penguin-Companhia, 1ª edição, 29 novembro de 2011.
11. FREUD, Sigmund. TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE, ANÁLISE FRAGMENTÁRIA DE UMA HISTERIA ("O CASO DORA") E OUTROS TEXTOS. Paulo César De Souza, editora Schwarcz s.a. Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32 04532-002 — São Paulo — sp. 2016.
12. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 4 ed. 2002.
13. GOES, Fernanda Dantas Nobre. RIBEIRO, Ananda Almeida Santana. MUNHOZ, Felipe Camargo. Masturbação feminina: benefícios, desafios e o papel do profissional da saúde. *Archives of Health*, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 1109-1112 special edition, jul. 2021
14. JOHNSON, M. Desconstruindo Mitos: Masturbação Feminina na Educação Sexual. 2018.
15. JONES, M. "Masturbation Practices Across Cultures: An Ethnographic Analysis." *Journal of Cultural Studies in Sexuality*, 8(1), 92-110. 2017.
16. JONES, M. Et all. "Masturbation and Female Sexuality: Contemporary Perspectives." *Journal of Sexuality Studies*, 12(3), 127-142. 2019.
17. LEVINE, S. B. A Biopsychosocial Perspective on the Women's Sexual Function and Dysfunction Debate. 2002.

18. MASTERS, W. H., & JOHNSON, V. E. Human Sexual Response. 1966.
19. OLIVEIRA, A., Et all]. "A Influência da Igreja na Percepção da Masturbação Feminina." Revista de Psicologia Contemporânea, 10(2), 305-320. 2018.
20. OLIVEIRA, Edicleia Lima de. REZENDE, Jaqueline Martins. GONÇALVES, Josiane Peres. HISTÓRIA DA SEXUALIDADE FEMININA NO BRASIL: ENTRE TABUS, MITOS E VERDADES. Revista Ártemis, vol. XXVI nº 1; jul-dez, 2018. pp. 303-314. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Josiane-Peres-Goncalves-2/publication/331049914_Historia_da_sexualidade_feminina_no_Brasil_entre_tabus_mitos_e_verdades/links/5f940947458515b7cf99311e/Historia-da-sexualidade-feminina-no-Brasil-entre-tabus-mitos-e-verdades.pdf
21. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Saúde sexual e reprodutiva: um enfoque global. 2002.
22. RAMOS. Fábio Pestana. História das Mulheres no Brasil. Revista de História 138, 133-138. 1998.
23. RUBIN, G. "The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex." Reprodução e Produção. 1975.
24. SMITH, A. Cultura e Sexualidade: Uma Perspectiva Histórica. 2015.
25. SMITH, A. Et all. (2019). "A Importância da Educação Sexual Inclusiva." Revista de Educação Sexual, 12(2), 78-94.
26. SMITH, A. Revisiting Freud's Impact on Modern Sexuality Studies. 2000.
27. SMITH, J., Et all. "Tabus Sexuais e Saúde Mental Feminina." Journal of Sexuality Studies, 15(2), 145-162. 2020.
28. TRINDADE, Wânia Ribeiro. FERREIRA, Márcia de Assunção. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. Texto & Contexto - Enfermagem, 17(3), 417-426. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000300002>. Acesso 5 set. 2023.